

O PRIMEIRO OLHAR

EXPERIÊNCIA COM IMAGENS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Ms. MÁRCIO ROMEU RIBAS DE OLIVEIRA

Professor da Uniguapuá/PR e da Prefeitura de Florianópolis/SC.
Mestre em Educação Física/Teoria e Prática Pedagógica pela UFSC.
E-mail: marciromeu72@hotmail.com

Dr. GIOVANI DE LORENZI PIRES

Professor Adjunto do DEF/UFSC. Doutor em Educação
Física/Ciências do Esporte pela FEF/Unicamp.
E-mail: giovanipires@cds.ufsc.br

RESUMO

Este texto é uma versão sintética de relatório de pesquisa (dissertação de mestrado) que teve como principal objetivo propor e refletir sobre a inserção de meios técnicos na produção de imagens no âmbito da educação física escolar. Observam-se manifestações da relação dialética entre a cultura de movimento e o discurso empreendido pelos meios de comunicação de massa no campo da educação física. Na pesquisa, que se materializou através de pesquisa fundamentada em Oficina de Experiências no Olhar, os meios (vídeo e fotografia) foram elementos de registros e de produção da pesquisa, que orientam nossas reflexões sobre o campo da educação física e as mídias, especificamente no âmbito escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; escola; mídia.

Este estudo¹ teve como objetivo promover reflexões sobre as possibilidades de inserção dos meios técnicos para produção de imagens (vídeo e fotografia) no ambiente escolar, assim como suas possibilidades educativas na educação física escolar.

Parece ser clara a importância das mídias² na construção da cultura contemporânea. Elas nos contam o que está acontecendo no mundo, constroem nossos gostos, modas, orientam como nos comportar e consumir. A mídia³ acaba por se tornar a “janela de vidro” (Betti, 1998a) que, por seu conteúdo, pode ser considerada efetivamente produtora de informação e processos comunicacionais⁴, que contribuem significativamente para a “formação cultural” dos sujeitos na sociedade contemporânea.

As mídias se articulam para eleger candidatos, produzir mitos, constituir nossos sonhos e ilusões, além de percorrem nosso dia, do amanhecer à noite. Essas mensagens que nos acompanham e agendam o nosso cotidiano constituem uma forma de nos relacionarmos, pautam o que devemos consumir, falar, enfim, falsificam nossos desejos e condutas numa sociedade que paradoxalmente combate a falsidade, mas que prega o efêmero e o fútil, como principal lógica social⁵.

Desdobrando esses aspectos, é pertinente entender que os meios “inva-dem” o campo escolar⁶, tornando-se relevantes na cultura infantil e juvenil. Para nós, a escola ignora tais influências na cultura dos seus alunos. Por outro lado, é um risco aproximar ingenuamente esses discursos distintos (o midiático e o pedagógico), fato que pode, de certa forma, reforçar a mensagem da mídia, caracterizada pelo seu aspecto informacional. Num outro aspecto, é necessário um descentramento dos aspectos mercadológicos, estéticos e éticos, os quais envolvem a “maioria”

-
1. Este artigo é uma síntese produzida a partir da dissertação de mestrado com o mesmo título, apresentada em 19/2/2004 ao Curso de Mestrado em Educação Física/UFGS.
 2. Este trabalho trata do uso dos meios técnicos (rádio, televisão, vídeo, cinema, revistas, jornais, fotografias, internet) para a produção de audiovisuais; para isso, empregamos a expressão *mídias* no plural, conforme preconizado por Santaella e Nóth (2001).
 3. Quando utilizada no singular, *mídia* refere-se ao complexo industrial e econômico que envolve diversos interesses sociais e é operado pela indústria midiática ou dos meios de comunicação de massa (Pires, 2002a).
 4. De acordo com Bentes, é através dos meios de comunicação de massa que nos informamos e nos comunicamos, principalmente nos países periféricos, caso do Brasil, especificamente.
 5. É importante ressaltar que a perspectiva de entendimento dos meios na escola é no sentido de pluralizar os discursos empreendidos pelos meios, o que vislumbra uma ressignificação por parte dos sujeitos das mensagens midiáticas, além de orientar a formação cultural de forma que amplie o entendimento acerca desse discurso.
 6. Jacquinet (2002), comenta a presença da cultura mediática no campo escolar, representada na cultura da juventude. A autora argumenta também sobre um descompasso entre a cultura da escola e a cultura mediática, e que o professor precisa articular esses saberes com os seus estudantes.

dos eventos “culturais” mediatizados. Isso nos aponta um sentido nos fazeres/saberes com esses meios na escola, que não se constitui num receituário, mas um primeiro olhar em relação a essas novas tecnologias de informação e comunicação ambientadas no espaço da educação física escolar.

Nessa aproximação com o campo escolar, tendo como base principal as produções realizadas no campo da pesquisa, essas imagens nos fazem refletir sobre o papel da educação física escolar e sua relação com a cultura contemporânea. Salientamos que o estudo se inseriu numa perspectiva de mídia-educação (Belloni, 2001) e se orientou com as perspectivas apontadas pela sua dupla dimensão: a) enquanto recurso didático; b) como objeto de estudo; e a integração de ambos, na perspectiva da produção midiática pelas crianças/jovens.

Essas conexões do campo educacional com as mídias aproximam interesses de vários campos de pesquisa, assim como amplia o debate e produção nas áreas de educação, educação física e comunicação⁷. Essa relação é presente nesses campos de estudos e nos apoiamos em reflexões e pesquisas que tratam desse tema⁸ para justificar o nosso trabalho. Esses autores nos apresentam entendimentos e contradições acerca do tema, entretanto essas contradições são parte integrante de nosso trabalho, tanto no sentido acadêmico, como no campo pedagógico. Esses (des)entendimentos demonstram a relevância contemporânea do tema, que vai da progressiva substituição da prática de manifestações da cultura de movimento na educação física escolar pela sua vivência audiovisual (Pires, 2002b) à cooptação do tempo pedagógico da educação física no reforço ingênuo de características estéticas conformadas e formatadas pela mídia.

IMAGENS DO ROTEIRO METODOLÓGICO

Antes de explicitarmos os aspectos metodológicos do estudo é preciso fazer algumas considerações. Primeiramente, existe um deslocamento do educador para o “estado” de pesquisador: não somos pesquisadores numa percepção restrita apenas aos aspectos acadêmicos. Acreditamos sim, na curiosidade e na imaginação (Almeida, 1999), como elementos fundamentais para entender o que as imagens da realidade nos proporcionam.

Por isso, a pesquisa se faz como uma nova perspectiva nos caminhos do processo de formação cultural do professor-pesquisador, articulada na pesquisa-ação que, conforme Thiollent (1992, p. 14):

7. GTT Educação Física, Comunicação e Mídia do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e Núcleo de Pesquisa Mídia e Esporte da Intercom (Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação).

8. Betti (1998a; 1998b; 1994); Pires (1998; 2000; 2002a; 2002b) e Feres Neto (2001a; 2001b)

é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A opção metodológica pela pesquisa-ação não foi uma posição hermética, mas sugerida como base fundamentadora do estudo, um primeiro olhar, aberto à construção de um caminho no qual a pesquisa-ação é preponderante. Outro processo recorrente da pesquisa diz respeito às diversas linguagens textuais, imagéticas e sonoras (Bauer, Gaskell, 2002), articuladas para captar e produzir os dados da realidade, assim como na perspectiva de produzir o conhecimento.

Há também uma aproximação que tem caráter fundamental na utilização de imagens na pesquisa, que vem do nosso encontro com a antropologia visual⁹. Enfim, partimos de uma montagem¹⁰ desses aspectos, tendo na imagem um caminho para olharmos a realidade, e a narração¹¹ como elemento condutor para refletirmos os aspectos teóricos e do campo de pesquisa.

Nesse sentido, as imagens construíram a possibilidade didática e metodológica do estudo. Ou melhor: articulamos essas questões e a nossa inserção no campo de pesquisa através de uma Oficina de Experiências no Olhar, que foi a materialização da pesquisa que se desenvolve na ação.

O desenvolvimento da oficina se deu entre julho e outubro de 2003; os encontros, dois por semana, com duração média de 90 minutos, foram realizados na escola, no contraturno escolar. Participaram cinco alunos de 7^a e 8^a séries do ensino fundamental, da Escola Básica (municipal) Porto do Rio Tavares, no bairro Rio Tavares, em Florianópolis/SC.

A oficina¹² foi orientada com base em reflexões sobre o campo da educação física escolar e suas inter-relações com o discurso midiático. Para isso, utilizamos momentos distintos, com o intuito de identificar as novas manifestações oriundas da cultura de movimento e refletidas pela mídia. A oficina se revelou uma opção didático-

9. Disciplina cursada no primeiro semestre de 2002, no programa de pós-graduação em antropologia social, na UFSC, ministrada pela professora Carmen Rial.

10. "Wiertz pode ser considerado o primeiro que, se não a previu, ao menos postulou a montagem como uma utilização da fotografia para fins de agitação" Benjamin (1991a, p. 34). Entendemos também que a montagem para a pesquisa tem o sentido de produzir "agitos" entre os seus envolvidos.

11. Narração entendida como a forma de comunicar e relatar nossas experiências, baseada essencialmente na perspectiva de Walter Benjamin, no ensaio "O narrador".

12. O princípio da oficina se baseou em aproximações aos meios técnicos e conseqüentemente foram utilizadas a fotografia e a filmadora como elementos que orientassem o objetivo final que era o projeto desenvolvido pelas crianças/jovens em vídeo.

metodológica muito rica para a pesquisa e intervenção no ambiente escolar, e ao mesmo tempo um recorte desenvolvido para a pesquisa. O roteiro metodológico escolhido proporcionou um processo dialético entre os sujeitos da pesquisa, que sofreram a tensão da pesquisa, assim como o professor-pesquisador foi tencionado pelos sujeitos.

As produções¹³ foram o fio condutor desse processo, que tem na experiência e a “câmera-na-mão” o seu principal meio. Nesse sentido, nos ocupamos neste texto de apresentar os vídeos produzidos, assim como as reflexões que os vídeos suscitaram em nós. Entendemos que a imagem se materializa na linguagem (Aumont, 2001), e por isso trazemos a narração desses elementos que constituíram o trabalho.

A base teórico-conceitual do estudo¹⁴ se articula nas idéias de Guy Debord, sobre a “sociedade do espetáculo” e suas situações, assim como a filosofia benjaminiana sobre a experiência subjetiva expressa pela via da comunicação. No que se refere às imagens em vídeo, têm o sentido de articular a experiência na sociedade do espetáculo, passando por todos os seus processos, da captação das imagens até a edição final, o que nos dá condições de entender as ressignificações da cultura de movimento, assim com a sua articulação como rede de conhecimento.

“BRINCADEIRAS”

O vídeo de Naiara (13 anos) foi feito em câmera digital 8mm e finalizado na ilha de edição digital não-linear do Laboratório de Mídia (Labomídia) do CDS/UFSC. O vídeo tem 15min 10seg. Todas as imagens foram captadas por ela, com a câmera na mão, e o seu trabalho incluiu ainda a produção do roteiro, a decupagem e o acompanhamento do técnico do laboratório no processo de edição e montagem.

Como o título se refere, são brincadeiras filmadas *na sala de aula, no recreio, na aula de educação física e no “dia do brinquedo”*. Os meninos e meninas do vídeo pertenciam à primeira série turma 3, com aproximadamente 28 crianças. O vídeo foi um passeio pelas brincadeiras e brinquedos que constituem a cultura do brincar na escola e também o imaginário das crianças. Esse é o pano de fundo do vídeo, no qual as brincadeiras filmadas partem de uma brincadeira de filmar. Como diz Naiara: “por que eu fiz (?), eu fiz porque eu achava interessante filmar as crianças e porque adolescente é mais difícil. Eles ficam envergonhados”.

13. Foram produzidos dois vídeos: “Brincadeiras”, por Naiara da Costa e “Bangu... um sonho”, por Raul Laureano. São os nomes verdadeiros dos jovens; acreditamos que é preciso citar os seus nomes e dar os créditos a eles.

14. Por causa da limitação de espaço, para este texto optamos por fazer um recorte sobre os “achados” do trabalho de campo, especialmente os vídeos que foram produzidos na oficina.

As primeiras imagens do vídeo mostram os momentos dessas crianças com suas brincadeiras e brinquedos. O que chama a atenção são as mãos das crianças, que são enquadradas e acompanhadas nas brincadeiras. O olhar como direcionado e não treinado parece atento em olhar o que acontecia ao seu redor e o que poderia ser filmado. As crianças respondem à professora, do que brincaram: “piadinha, brinquedinho, casinha, saí, brinquei de bola, soltei pipa e só”.

Um facilitador diz respeito à tecnologia da câmera: o visor lateral liberava o olhar da Naiara para acompanhar ao redor do que está sendo filmado, facilitando a aproximação e apropriação do meio e da linguagem.

As crianças são humanizadas, aparecem e se reconhecem. Procuram olhar o que está sendo olhado, participam, interagem; a filmadora parece uma companheira, uma cúmplice, que os transforma em virtualmente reais. Segue-os nos seus pequenos caminhos pela escola. Essas imagens são captadas dentro da sala de aula.

Há um corte e aparecem as imagens do recreio. Essas filmagens foram alguns dos momentos mais experimentais e viscerais da pesquisa. As crianças brincavam no recreio com elásticos, corridas, cantigas, enfim uma série de manifestações da cultura de movimento deles. Mas o mais interessante nisso tudo é a montagem que a nossa intromissão processou nessa situação. As crianças começam a nos seguir por onde vamos, e situações, que chamamos de *miméticas-imagéticas*, começam a aparecer. Crianças brincam num enorme “bolinho” recheado deles, que se movimenta como um ser orgânico, empurram-se e vão se tocando até se diluírem na frente da câmera. Uma brincadeira com o corpo, o qual “exigia ser filmado”¹⁵, e que o olhar “livre” de Naiara captava. Ainda na construção dessa parte do vídeo, a nossa passagem se transformava em “cortejo”, aglomerava os olhares sobre o que estávamos fazendo, curiosos olhavam para o visor e identificavam os amigos em imagem. Perguntavam o que estávamos fazendo, *o que é isso?* Um menino corre livre pelo pátio, corre, salta a escada e vai à direção dos amigos. Como numa “mágica”, “truque” ou “falsificação” o meio técnico (edição) altera a velocidade e aquela corrida parece um vôo, se transfigura em lentidão, um ato de subversão no olhar. “Uma imagem assim que me marcou, foi aquela do Jonatas correndo, eu achei bárbara, ele bem desligado com o mundo, era ele mesmo” (professora da primeira série).

O olhar de Naiara se aproxima das crianças, procura o olhar deles. O último menino que conversa com a professora, mostra aquele “corpo-mole”, que não se preocupa em dizer o que fez, e como fez, nos parece uma ressignificação da

15. Menção a uma passagem de Walter Benjamin, no ensaio sobre a reprodutibilidade técnica (1985).

velocidade, pois é o mesmo menino da corrida, que se transforma em lentidão. É preciso reforçar esses aspectos em relação ao movimento humano, que não significa um não-movimento, mas sim uma desaceleração da experiência humana. As imagens parecem reforçar isso, é preciso desacelerar o movimento humano na escola.

As crianças agora vão com a professora de educação física, que as leva para o pátio. O caminho é percorrido pela câmera como se fosse mais uma aluna; um olhar de criança, entre as crianças. As imagens que se seguem nos fazem pensar acerca da educação física escolar. A integração das imagens no recreio dá lugar às vaia e divisões em equipes, a competição aparece, as crianças saltam cones e pulam em arcos; toda a efervescência vista nas imagens do recreio parece agora sufocada, por num interminável jogo de estafetas. Neste momento, o olhar da câmera parece longe, desumaniza o já desumanizado pelo movimento repetitivo.

Uma passagem no vídeo mostra uma inusitada resistência/transgressão: contrariando a lógica do jogo/competição, uma aluna pula os cones, pega o bambolê e ... começa a brincar com ele (!). Aí, então, a imagem vai aproximando e busca a menina brincando, o que logo é reprimido pela professora de educação física.

Há uma proximidade da jovem-cineasta com as crianças, que a chamam e parecem compartilhar desse momento, como se estivessem autorizando o olhar dela sobre o que elas olham, e sobre o que acontece no cotidiano escolar dessas crianças.

As imagens retornam com o “dia do brinquedo”, que acontece na aula de educação física, quando as crianças trazem seus brinquedos para a escola. O olhar da câmera percorre os brinquedos, foge das nomeações e caminha com eles para o espaço destinado para brincar. Aparecem brinquedos de todos os tipos, blocos de montar, cordas, bonecas e casinhas, carrinhos e super-heróis, enfim uma variedade enorme de brinquedos. As imagens aparecem em vários planos e ângulos, a câmera novamente parece estar como uma criança que brinca conjuntamente. O olhar dela procura posições que demonstrem o que está acontecendo no plano do olhar das crianças.

As crianças estão mais soltas e não se preocupam com a câmera, parecem ausentes e presentes. Como nas brincadeiras, estão juntas e sozinhas ao mesmo tempo. Bonecos de heróis de desenho animado se enfrentam, bonecas que vão ao *shopping*. Um universo mimético rico de exploração para a cultura de movimento e suas relações com os primeiros anos da educação fundamental. Saber suas preferências, assim como suas ausências é um bom começo para percebermos o que é o tempo da criança na escola e sua relação com o brincar e o brinquedo. E também o que pode ser feito para a construção do conhecimento nessas brincadeiras.

Um processo de mídia-educação poderia ser construído nos primeiros anos de envolvimento da criança com a escola, até porque a linguagem simbólica e

imagética da criança já está se construindo. Nesse sentido, relatamos parte de uma conversa com Naiara, que pode ser muito importante para a prática pedagógica da educação física, em todos os seus tempos na escola. Respondendo sobre do que tinha gostado mais de fazer, afirma:

Gostei mais do dia do brinquedo. (...) Do dia do brinquedo e do recreio, porque estavam livres. A educação física não foi legal... (...) Estava maltratando as crianças. sei lá, obrigavam eles a pular em cima do cone, depois pular... não sei onde, sei lá.... (No dia do brinquedo) "tavam a vontade", tão livres para fazer o que quiser.

Há um corte e a imagem vai para a sala de aula. Um menino responde por que se deve brincar: "porque é um direito da criança e do adolescente". "Como assim", indaga a professora, estamos todos surpresos! "Um direito de nós os vinte e oito que tá aqui". Esse menino, de alguma forma, sintetiza o que estamos refletindo, e desdobra o direito da criança e da juventude, que também possa ser o de entender o mundo imagético a partir de um olhar crítico-reflexivo e também lúdico sobre os meios e os seus discursos.

Ao final do vídeo, antes dos créditos, há uma homenagem/denúncia¹⁶ às crianças que por algum motivo tiveram que parar de brincar; e que poderiam ser até as crianças olhadas pela Naiara.

As imagens nos revelam algumas situações contraditórias sobre a prática pedagógica e a forma de interagir/brincar das crianças sozinhas. Elementos imagéticos são percebidos, como as dicotomias advindas da competição e da velocidade, que desembocam na dualidade, derrota-vitória, vencer ou perder, que ainda persistem e agora se tornam explícitas nas práticas escolares; em que o constante movimento repetitivo, se torna sufocante para a cultura de movimento das crianças e para um conhecimento de si¹⁷.

Um fator que contribui para a produção do vídeo revela-se na experiência com a câmera. A idéia de colocar a câmera na mão, sem muitos objetivos explícitos e sem muita técnica, de certa forma revelou-se uma experimentação por parte dos sujeitos, sem reproduzir os clichês do discurso midiático, manifestado no vídeo. Este experimento transforma a nossa forma de olhar o olhar do outro. Não há uma procura de obviedades, mas de elementos que possam de alguma forma contribuir para o esclarecimento de situações que se conectam.

16. Imagens retiradas do livro *Serafina e a criança que trabalha* de Jô Azevedo, Cristina Porto e Iolanda luzak.

17. Ver Kunz, 2002.

“BANGU... UM SONHO”

No outro vídeo produzido na oficina, por Raul, mostra o cotidiano e expectativas em relação ao Bangu, um clube da comunidade do Rio Tavares. Utiliza os treinos e um jogo para olhar o fenômeno do esporte na comunidade do Rio Tavares. O vídeo foi captado em VHS, filmado com a câmera ora na mão, ora no tripé. O vídeo tem 11min23seg, também foi editado no Labomidia/CDS/UFSC e o seu realizador igualmente participou de toda a produção. Um destaque deste vídeo é o fato de ele empreender um diálogo da música com o fenômeno do futebol, além de articular na escola a presença do fenômeno telesportivo, com características distintas da produção televisiva, no entanto, contaminadas pelas “fantasmagorias”¹⁸ do mundo imagético.

O objetivo do vídeo é assim definido nas palavras do seu autor: “passar assim que o Bangu é um... se não fosse o Bangu aqui na comunidade, acho que não teria nada assim para as crianças praticarem esportes, que aqui não tem nada; aqui, cara, só a educação física. Do Bangu, como o Bangu é importante pra comunidade.”

O vídeo inicia com o escudo do Bangu entre alambrados, ao fundo a música dos Novos Baianos “Só se não for brasileiro nessa hora”¹⁹. Surgem imagens que acompanham os 3min26seg. da música, um videoclipe. As imagens se sucedem entre o treino, o jogo, antes do jogo e depois do jogo. A música orienta as imagens, “desde lá quando me furaram a primeira bola no meio da rua”²⁰, o menino brincando com a bola, a bola, treino físico, conduzindo a bola, chute a gol, treino físico, brincando de corrente, fazendo abdominal, menino sambando. Essa seqüência de cortes, imagens e sons, que nos revelam a quantidade de movimentos que fazem parte da cultura de movimento, especificamente o futebol, pluralizam o discurso sobre o esporte e apresentam o fenômeno do telesporte na escola. O olhar caminha pelas situações que foram filmadas, dos exercícios repetitivos, até os momentos de caráter lúdico, como as brincadeiras.

A idéia do talento no esporte é recorrente no vídeo, o esporte não é fim, é meio para a ascensão social através do trabalho-esporte. O discurso do professor-treinador em relação ao esporte se orienta pelo rendimento e do espetáculo, em que apenas os mais talentosos podem participar. Isso, de alguma forma, perpassa as práticas da cultura de movimento, até porque a lógica da sociedade contemporânea se materializa na exclusão.

18. Walter Benjamin (1991a; p. 35-36)

19. Novos Baianos. Enciclopédia Musical Brasileira. Warner Music Brasil. N. 20, 2000.

20. Início da canção citada.

O Bangu acaba exercendo uma dupla função, social e mercadológica. O clube revela talentos, o que se materializa num caça-talentos para clubes de maior expressão, contribuindo para alimentar o espetáculo midiático do futebol. Na perspectiva social, alimenta sonhos e reúne as crianças e jovens para ocuparem seu tempo com uma manifestação da cultura de movimento.

A música do Rappa aumenta, aparece um chute a gol, um gol e a comemoração; meninos brincando, controlando a bola, jogando uma pelada. A seqüência termina com um calcanhar e a bola dentro da rede.

Algumas imagens de conversas com os jovens não foram escolhidas na edição e traziam questões interessantes, como os aspectos relativos ao lúdico; o apoio da família; outros projetos, esportivos e artísticos, para a comunidade. Esses elementos ausentes da narrativa videográfica poderiam contribuir para uma resignificação do esporte telespetáculo, atrelado apenas ao rendimento e ao consumo. As falas demonstram também que os jovens vislumbram outras manifestações da cultura de movimento, que, entretanto, não se manifestam em políticas públicas que dêem um caráter mais plural para essas manifestações. As manifestações da cultura de movimento são subsumidas pela hegemonia do esporte na escola, clubes e associações. E o futebol é o maior representante desta hegemonia. O que nos preocupa é o sentido de esporte-trabalho e promessa de ascensão social implícito nessas práticas.

Fundo preto, letreiro: “a hora do jogo”, efeito sonoro de suspense. Aparecem imagens do vestiário antes do jogo, os jovens falam em “*o jogo da vida*”; *tô aí, pra viajar de novo; te desejo boa sorte; a gente se vê na televisão; a amarelinha, irmão; quero ser campeão com o Bangu*. O professor-treinador lê a escalação, a música do Rappa aumenta ao fundo: “eu quero ver gol, não precisa ser de placa, eu quero ver gol”. Eles parecem animados, estão sorridentes e conversam mais com a câmera.

Entretanto, nessas conversas, identificamos a presença do que chamamos de “fantasmagorias”, elementos que aparecem e estabelecem um diálogo entre o cotidiano desses jovens e o controle das imagens pelo mercado. Nesse sentido, o esporte se transforma em trabalho e o jovem, num trabalhador do esporte. Como saída, a idéia de ascender socialmente, a roda da fortuna está lançada. O jovem atleta é trabalhador, uma “vedete do espetáculo”, que acompanha a construção de consumidores de sonhos e mercadorias esportivas; é preciso ser rápido, pois a troca nesse tipo de trabalho é uma regra essencial do esporte telespetacularizado. “O novo sempre é o mesmo”, como nos lembra Benjamin. O esporte, como manifestação cultural, hipertrofia seus atributos adaptativos e hipostasia seus elementos emancipatórios. A fala de uma pessoa que assistiu ao filme nos revela isso:

Alô, estudo na oitava série. O vídeo é a minha realidade, do brasileiro, porque a gente diariamente faz isso, e como mostra aí, metade, daquilo do nosso *trabalho*, não foi tudo, tem mais ainda, mais o brasileiro é assim atrás da bola, a bola já diz, a bola é o mundo, e quem quiser vai atrás. (Grifo nosso)

Nessa fala percebemos a presença da categoria *trabalho*. Nesse sentido é necessária a tematização do esporte rendimento/espetáculo na escola. O esporte adentra a escola pela indústria midiática, que apresenta o esporte numa visão unidirecional e mercadológica; entretanto, também é uma produção cultural que integra, socializa e pode questionar as relações sociais, imbricadas nas práticas esportivas. A questão do *trabalho* pode ser uma forma de tematizar o esporte e promover uma conexão entre o discurso esportivo na mídia e suas manifestações na cultura de movimento na escola.

Aparecem imagens do jogo, pequenos planos-sequência, que tencionam a produção do esporte como manifestação midiática. A imagem produzida pelo discurso midiático, que é toda recortada em diversos ângulos e planos, nos orientando para o que olhar, situações em que sempre há mais de uma câmera e um especialista que explica e a propaganda de algo para se consumir. A produção desses pequenos planos nos evidencia um olhar diferenciado do esporte rendimento/espetáculo, propalado pela mídia, e que pode ser direcionador no ambiente escolar, uma forma de construção do olhar, na escola, sobre a mídia e o esporte telespetacular.

A construção desses planos-sequência demonstra uma certa verdade, que não parece tão maquiada como é no esporte telespetáculo; é como um documento, uma dramaturgia do real²¹. Os planos abertos em grande angular possibilitam entender como se desenvolveu a jogada, uma sequência do fato, e não um jogo de câmeras. Aí aparece mais um elemento importante: filmar o esporte com a câmera na mão nos precipita para um reconhecimento do esporte como coletivo. Os planos abertos acompanham o andamento quase total do jogo. Esses elementos criam uma certa tensão, entre o discurso televisivo sobre o esporte, e o olhar dos jovens acerca do telesporte na escola, pois o olhar se diferencia do desenvolvido pelo discurso imagético. Esses elementos, como argumenta Feres Neto (2001a), quando objetivados, tendem a criar novas subjetividades acerca do conhecimento produzido.

Entretanto, as “fantasmagorias” nos acompanham novamente, quando o menino comemora e beija a camiseta: mais um elemento produzido pelo discurso do telesporte? Uma propaganda de si, o corpo como mídia, como lembra Canevacci (1990). Uma réplica do ídolo, a mimese do mito racionalmente incorporada, as

21. Ver Almeida, 2001.

vedetes de que nos fala Debord (1997). Há também a presença de uma “pegadinha”, a queda dos “maqueiros” com o jogador. Insere uma discussão sobre a aproximação do meio e da linguagem, para que não ocorra uma funcionalização do vídeo na escola, e o registro videográfico não se torne um elemento apenas do grotesco, e se dissimule na produção de informações e entretenimento. Não que isso não seja importante, mas o que pretendemos é focalizar elementos videográficos que se transformem em conhecimentos sobre as manifestações da cultura de movimento na escola.

Fim do jogo, o Bangu perdeu, as imagens vão para o vestiário. Algumas conversas sobre o jogo: “era prá ganhar essa, era ou não era?”; “não vem filmar, não!”; “Mãe, um beijo pra ti”; “um beijo pra mãe e pra Xuxa”. Os meninos vão saindo e a música subindo.

Os jovens falam sobre as tecnologias na escola

Trazemos para a reflexão elementos que destacam a percepção das crianças e dos jovens sobre o uso de novas tecnologias de comunicação no ambiente escolar. Reproduzimos diálogo com Naiara:

(P): A maioria das pessoas, exceto as crianças, falaram que é muito real. Mostra muito a realidade. (N): *Humm...Humm.* (P): Mas para vocês, que passaram pela ilha (de edição), é a realidade, mesmo, ou não? (N): *É montada.* (P): Montada a partir daquilo que você quer olhar? (N): *Claro, é...*

E aqui com Raul:

(P): As pessoas que assistiram não passaram pelo que vocês passaram, não é, vocês captaram as imagens, foram para a ilha de edição, montaram, escolheram música; o que isso mudou quando você assiste ao seu vídeo? (R): *Que agora eu sei como é que faz.* (P) Você sabe como é que faz agora? (R) *Sim, mais ou menos. Não sei mexer no computador, mas eu sei, mais ou menos, como é que é. Antes eu não sabia.*

Esses comentários justificam as possibilidades da inclusão da mídia na escola²² como um campo de intervenção pedagógica dos educadores. A captação e a edição na ilha constroem uma conexão sobre o que foi filmado e seus desdobramentos para a ação educativa; assim, as crianças têm acesso ao mundo editado²³.

22. Para Belloni (2001), a justificativa de incluir os meios na escola é porque eles já são presentes na vida das crianças e jovens e por outro lado diz respeito ao acesso desses bens culturais na intenção de diminuir as desigualdades sociais na aquisição desigual dessas informações.

23. Comentário de Solange Jobim, na mostra de cinema infantil de Florianópolis, 2004.

Nesse sentido, a apreensão do material também é um fator de destaque para um bom desenvolvimento das relações da técnica com as questões educativas e estéticas. O contato com a câmera foi destacado como uma possibilidade de conhecer aquilo que não se conhece, objetivar a técnica, e também a sua democratização no espaço escolar, como comentam Naiara e Raul:

Me marcou, ah, um monte, eu nunca tinha feito nada, nunca...nunca. .Ahhhh, tudo. Tudo marcou. Filmar as crianças, ir lá ver como é que se faz. Botar som, botar letra, depois botar a imagem, cortar. (Naiara)

Foi tudo legal, toquei na câmera, essas paradas assim, foi tudo legal. Nunca tinha tocado numa câmera digital, assim, essas paradas. Nunca tinha tocado, o que eu achei legal, foi isso aí. Aprendi várias coisas. No meu vídeo, aprendi a mexer na máquina, nunca tinha visto um computador daqueles lá. Específico pra trabalhar com imagens. (Raul)

É preciso ressaltar esse contato dos jovens com os meios como um fator importante de aprendizagem dos meios e suas linguagens, porque as defasagens sociais e culturais são marcantes entre os estudantes, e a escola poderia contribuir para que as crianças/jovens tivessem melhor acesso ao mundo mediado pelas imagens.

AS POSSIBILIDADES DA IMAGEM NA ESCOLA

O contato com o processo de produção videográfica pode fortalecer as estruturas de mediação²⁴, que orienta uma nova forma de olhar para o discurso imagético, percebendo, por exemplo, que a edição é um “truque” mágico que ordena e desordena a realidade. Isso se manifesta como uma experiência em olhar com os meios técnicos, articulada com a possibilidade de síntese entre “ferramenta pedagógica e objeto de estudo” (Belloni, 2001).

Nesse sentido, nos ocupamos agora de tentar identificar o que entendemos como principais experiências vividas no estudo.

Percebemos a ocorrência de apropriação de conhecimentos técnicos, respectivos ao campo da comunicação, como a captação das imagens, decupagem e edição que foram visíveis nas falas dos sujeitos, articulando redes de conhecimento que transcendem os aspectos disciplinares da educação física. Foi possível compreender o que as crianças e os jovens concebem como cultura midiática, o que assistem, o que gostam de assistir, o que se torna um facilitador para o trabalho dos professores no tocante ao discurso midiático, sua produção e a problematização

24. Ver Martin-Barbero (2001)

em aula, pois essas aproximações nos fazem perceber o que é consumido pelos estudantes, tendo esse material como sensibilizador para um aprofundamento sobre o que a mídia produz e veicula, e ampliando as possibilidades de formação cultural na escola. Há também um processo de ressignificação da cultura de movimento, assim como sua apropriação como eixo articulador para trabalhos interdisciplinares, no caso específico o vídeo.

Acreditamos ainda na utilização desses processos educativos no ambiente escolar, no sentido de aproximar os professores dos estudantes, até porque esses temas se materializam como experiências vividas, tanto pelos professores, como pelos alunos, o que contextualiza o conhecimento produzido, distanciando-se de uma visão apenas conteudista. Constatou-se uma aproximação da cultura escolar com a cultura midiática, fato esse importante para tentar reequilibrar as relações entre esses campos do saber contemporâneo, traduzindo informação em conhecimento.

Há também a questão da interdisciplinaridade, já referida, que articula o conhecimento de forma integrada na escola; o trabalho com as mídias na escola possibilita esse “interdiscurso”²⁵ entre as áreas, tanto em relação ao conhecimento, como entre os professores e as suas áreas específicas, visto que o trabalho pode se apresentar como tema gerador, reorientando novos saberes/fazeres aos professores, da mesma forma que questiona a relação dos tempos escolares, centrada excessivamente em disciplinas, conteúdo e tempo de aula. Esse tipo de projeto de trabalho visualiza novas formas de construção do conhecimento no espaço escolar, cujos temas podem ser escolhidos, tanto por professores, como pelos estudantes. Nesse sentido, apresenta-se um conhecimento construído de forma lúdica e criativa na produção dos materiais audiovisuais.

Especificamente no campo da educação física, a presença dos meios na escola possibilita tematizar outros elementos que se desdobram da concepção hegemônica de esporte, como a especialização precoce, a relação do trabalho nas práticas esportivas, a falta de políticas públicas em relação ao esporte/lazer, a preponderância da competitividade em detrimento da sociabilização, entre outros. Isso possibilita a construção de um olhar mais crítico e de profundidade em relação ao tema esporte e suas variantes e que pode ser tematizado através de produção audiovisual.

Por fim, é preciso destacar que todos esses possíveis benefícios ou resultados têm um caráter contextual e que foram construídos no decorrer do estudo, o que demonstra que cada professor que se embrenhar na produção coletiva de materiais audiovisuais na escola poderá encontrar outros elementos que se constituem na

25. Ver Ismar Soares (2002).

prática de mídia-educação na escola. Para o campo da educação física escolar, as possibilidades nos permitem delinear um horizonte muito fecundo para as questões relativas aos saberes/fazeres desta intervenção. No entanto, as dúvidas são muito maiores do que as certezas: até que ponto se pode fazer uso emancipado e esclarecido dos meios na escola? Como a educação física pode enfrentar esses problemas? Quem sabe o maior paradoxo de todo o trabalho é como não ser “*apocalíptico*” sem se tornar um “*integrado*”? Pensamos que a crítica e a formação cultural dos educadores são fatores relevantes que podem, de certa forma, sensibilizá-los para interferirem no processo de (re)construção de sentidos vindos do discurso midiático. E, como experimentamos, é preciso tematizar a relação dessa prática como espaço de ludicidade e não-trabalho na educação física escolar.

First glance: experience with images
in teaching physical education in school

ABSTRACT: This text is an abridged version of a report on research (in a Master's dissertation) whose chief aim proposes and reflects on the insertion of technical media in the production of images within the scope of physical education in school. Manifestations are observed concerning the dialectic relation between the culture of movement and the discourse undertaken by the mass communication media in the field of physical education. In this research, which was materialized through research-action based on Experiences with Observation Workshop, the media (video and photography) were the elements used to record and produce the research, which orients our reflections on the field of physical education and the media, specifically within the school environment.

KEY-WORDS: Physical education; school; media.

La primera mirada:
experiencia con imagenes en educación física escolar

RESUMEN: Este texto es una versión sintética de una investigación (disertación de maestría) que tuvo como objetivo principal proponer y reflexionar sobre la inserción de medios técnicos en la producción de imágenes en el ámbito de la educación física escolar. Se observan manifestaciones de la relación dialéctica entre la cultura de movimiento y el discurso emprendido por los medios de comunicación de masas en el campo de la educación física. La investigación, que se materializó a través de investigación-acción, basada en el Taller de Experiencias de la Mirada, empleo como medios de registro y producción video y fotografía. Estos orientaron nuestras reflexiones sobre el campo de la educación física y los medios de comunicación, específicamente en el ámbito escolar.

PALABRAS CLAVES: Educación física; escuela; mídia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M.J. *Cinema: arte da memória*. Campinas: Autores Associados, 1999.
- _____. A liturgia olímpica. In: SOARES, Carmen (Org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- AUMONT, J. *A imagem*. Campinas: Papirus, 2001.
- BAUER, M. W.; GASKELL. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BELLONI, M.L. *O que é mídia-educação*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BENJAMIN, W. O narrador. In: BENJAMIN, W. São Paulo: Abril Cultural, 1980a (Coleção Os Pensadores).
- _____. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: BENJAMIN, W. São Paulo: Abril Cultural, 1980b (Coleção Os Pensadores).
- _____. Paris, capital do século XIX. In: KOTHE, F. (Org.). *Walter Benjamin: sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1991a.
- _____. Pequena história da fotografia. In: KOTHE, F. (Org.). *Walter Benjamin: sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1991b.
- _____. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BETTI, M. *Janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus, 1998a.
- _____. Mídia e educação: análise da relação dos meios de comunicação de massa com a educação física e os esportes. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PEDAGOGIA DO ESPORTE, Santa Maria, UFSM, p. 80-88, set. 1998b.
- _____. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física. *Discorpo*, n. 3, p. 25-45, out. 1994.
- BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte*. 2. ed. Ijuí: Unijui, 2003.
- CANEVACCI, M. *Antropologia da comunicação visual*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FERES NETO, A. Produção de subjetividades, subjetivação e objetivação: algumas contribuições de Felix Guattari e Pierre Lévy para a educação física. *Motrivivência*, n. 17, p. 69-84, set. 2001a.
- _____. Virtualização do esporte e suas novas vivências eletrônicas: implicações para a Educação Física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., Caxambu, *Anais...* Caxambu 2001b.

JACQUINOT, G. *O que é um educador? Papel da comunicação na formação de professores*. Disponível em: <<http://www.artesdobrasil.com.br/genevieve.html>> . Acesso em: 5 abr. 2002.

KUNZ, E. Práticas didáticas para um “conhecimento de si” de crianças e jovens na educação física. In: KUNZ, E. (Org.). *Didática da educação física 2*. Ijuí: Editora Unijuí: 2002.

MARTIN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

PIRES, G. L. *Educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Editora Unijuí, 2002a.

_____. *A educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória em pesquisa-ação no ensino de graduação. Subsídios para a saúde?* Campinas, 2000. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.

_____. A mediação tecnológica do esporte como substituição da experiência formativa. *Corpoconsciência*, n. 9, p. 23-39, 1ª semestre de 2002b.

_____. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 9, n. 1, p. 25-34, 1998.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. *Imagem*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SOARES, I. O. *Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais*. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/nucleos/nce>> . Acesso em: 5 abr. 2002.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 5. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.

Recebido: 2 jul. 2003

Aprovado: 31 ago. 2004

Endereço para correspondência
Giovani Pires
Departamento de Educação Física/
Centro de Desportos/UFSC
Campus Universitário
Bairro Trindade
Florianópolis-SC
CEP 88040-900